

# Meus primeiros amores

ronilson lopes



2021



# Meus primeiros amores ronilson lopes



2021

2021 by Editora e-Publicar  
Copyright © Editora e-Publicar  
Copyright do Texto © 2021 Os autores  
Copyright da Edição © 2021 Editora e-Publicar  
Direitos para esta edição cedidos à Editora e-Publicar pelos autores.

**Editora Chefe**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Editor**

Roger Goulart Mello

**Diagramação**

Roger Goulart Mello

**Projeto gráfico e Edição de Arte**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Arte de capa**

Leidijane Rolim da Silva

**Revisão**

Iná Isabel Rafael

Todo o conteúdo dos artigos, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

Dr<sup>a</sup> Cristiana Barcelos da Silva – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Dr<sup>a</sup> Elis Regina Barbosa Angelo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dr. Rafael Leal da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dr. Fábio Pereira Cerdera – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dr<sup>a</sup> Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes

Me. Doutorando Mateus Dias Antunes – Universidade de São Paulo

Me. Doutorando Diogo Luiz Lima Augusto – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Me. Doutorando Francisco Oricelio da Silva Brindeiro – Universidade Estadual do Ceará

M<sup>a</sup> Doutoranda Bianca Gabriely Ferreira Silva – Universidade Federal de Pernambuco

M<sup>a</sup> Doutoranda Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Me. Doutorando Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes

M<sup>a</sup> Doutoranda Jucilene Oliveira de Sousa – Universidade Estadual de Campinas

M<sup>a</sup> Doutoranda Luana Lima Guimarães – Universidade Federal do Ceará



2021

M<sup>a</sup> Cristiane Elisa Ribas Batista – Universidade Federal de Santa Catarina  
M<sup>a</sup> Andrelize Schabo Ferreira de Assis – Universidade Federal de Rondônia  
Me. Daniel Ordane da Costa Vale – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Me. Glaucio Martins da Silva Bandeira – Universidade Federal Fluminense  
Me. Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
M<sup>a</sup> Luma Mirely de Souza Brandão – Universidade Tiradentes  
Dr<sup>a</sup>. Rita Rodrigues de Souza - Universidade Estadual Paulista  
Dr. Helio Fernando Lobo Nogueira da Gama - Universidade Estadual De Santa Cruz  
Dr. Willian Douglas Guilherme - Universidade Federal do Tocantins  
Dr<sup>a</sup>. Naiola Paiva de Miranda - Universidade Federal do Ceará  
Dr<sup>a</sup>. Dayanne Tomaz Casimiro da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**([eDOC BRASIL](#), Belo Horizonte/MG)**

L864m      Lopes, Ronilson, 1980-.  
              Meus primeiros amores [recurso eletrônico] / Ronilson Lopes. –  
              Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-65-89340-05-8

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.

CDD B869.1

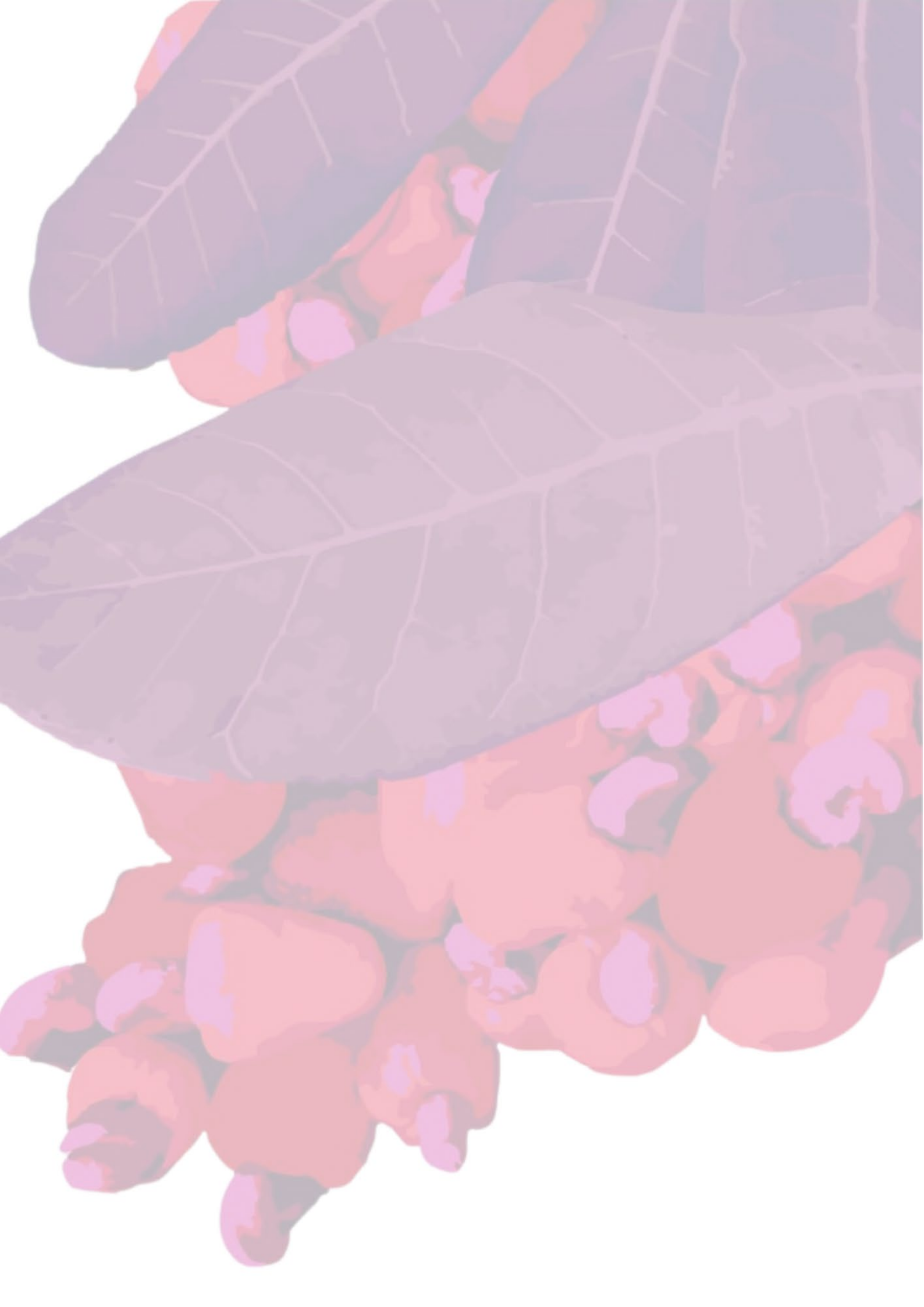
**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Editora e-Publicar**

Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
contato@editorapublicar.com.br  
[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)



2021





## PREFÁCIO

Ronilson nos presentearia humoradas histórias de amor, nas quais o narrador é protagonista. Ele as busca na memória da adolescência e da juventude, no fervilhar de uma cultura machista para se reencontrar com seus anjos e demônios, esses entes fantasmagóricos que nutrem os amores de mel e fel.

A narrativa se desenvolve de forma rápida e direta, mas sem que esse estilo implique pressa, uma vez que as palavras, frases e orações se articulam, elegantemente, entre o humor, a reflexão e o prazer da leitura. Há verossimilhança entre os fatos contados e o possivelmente acontecido: os vexames, as incertezas, as frustrações e os desconsertos da condição humana não são atirados ao rio. Essas sensações, percepções e vivências emergem do fundo do rio-alma desse contador que não perdoa sequer as suas fraquezas.

A primeira Recém-Chegada; a Moreninha dos Peitos de Coco da Praia; Viviane, a Vivi; a ex-do irmão; a Senhora Mocinha; Maria, a tímida; e a Prima da Praça dos Hotéis são personagens que atormentaram o coração e a alma de um ser seguido pelo mito de que o homem só se torna homem quando possui uma mulher. A vida lhe ensina, todavia, que mesmo o menor flerte, só se realiza na sua completude por meio de um jogo de sedução consentido e compartilhado, cujos desdobramentos são sempre imponderáveis. É assim mesmo: como se Deus jogasse dado, efetivamente.

As mulheres das histórias de Ronilson não são para ser possuídas. Elas fluem na sutileza dos gestos, das falas, das estratégias e da graça dos encontros e desencontros entornados pela imprevisibilidade. Entre o desejo e a prática do ato desejado pelo protagonista existe um vigoroso e rigoroso, quase um capricho dos deuses que desarma as pretensões preconcebidas dos pobres mortais. Assim, o narrador se depara, para além da sua busca pela macheza, com o medo, com a timidez, com o estado de baixa estima, com dificuldades cognitivas para imergir na cultura letrada, com os quintais cercados e até com um indesejável banho fecal. São situações metaforizadas que ensinam, às vezes durante uma vida inteira, que um homem não se torna homem quando possui uma mulher, mas quando ele e ela se entregam e se entrelaçam no jogo da vida com cumplicidade, compartilhando a autocriação.

E isso teria acontecido, pela primeira vez, no paraíso, mas hoje pode ocorrer na ilharga de um muro, na penumbra da boca da noite.

Ou Deus não joga dado?

**Wilson Nogueira**

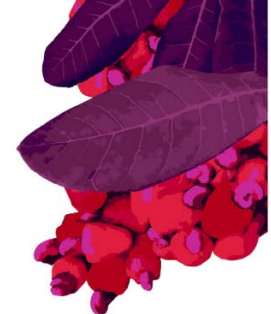
Escritor e Jornalista

# Sumário

MEUS PRIMEIROS AMORES.....	9
<i>Primeiras palavras.....</i>	9
<i>A primeira atração.....</i>	10
<i>O primeiro beijo.....</i>	12
<i>A primeira cantada.....</i>	13
<i>O primeiro encontro.....</i>	14
<i>A vez da outra.....</i>	16
<i>A terceira.....</i>	18
<i>A quarta.....</i>	19
<i>A quinta.....</i>	20
SIMPES, GOSTOSO E EXTRAORDINÁRIO .....	22
<i>O último Natal.....</i>	24







### Primeiras palavras

– O menino macho torna-se homem quando tem, entre seus braços, uma mulher gemendo de amor, disse meu pai, e eu aprendi, desde menino. Porém, para um caboclo tímido, criado na roça, afirmar-se como homem, dessa maneira, não era uma tarefa simples.

Os doze anos se foram, vieram os treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete... e, os vinte... enfim, e nada, eu era só um menino cheio de imaginação e expectativa, ansioso para obter de volta o desejo depositado em uma mulher amada.

Que não eram poucas... Eu olhava para uma e pensava comigo, se aquela me quisesse, eu quero, e aquela branquinha? Também! E aquela negra esbelta? Com certeza. O meu coração era repleto de sentimentos. Eu sonhava namorando apertadinho com uma, entrando na Igreja com a outra, dormindo de conchinha com uma terceira e assim por diante.

No entanto, eu não era o tipo que atraía as mulheres, não exatamente pela beleza, algumas delas até me achavam atraente, porém, eu era muito tímido, talvez por ser do interior e sem grana. Eu nunca sabia o que falar, parecia tudo muito estranho como se eu viesse de algum mundo completamente diferente.

Mas eu sonhava demasiadamente em conseguir alguém com quem eu pudesse, você sabe... passear nas cursas da praça, sentir o cheiro do perfume... essas coisas que os casais de namorados fazem.

Como as palavras me custavam para serem pronunciadas, aprendi a cultivar dentro de mim, no silêncio do meu peito, um coração arredio, um olhar cheio de desejo e uma imaginação repleta de fantasias.

Uma vez me ensinaram que se pusesse uma fruta debaixo do travesseiro e rezasse dez Ave Marias antes de dormir, durante três semanas, eu conseguiria uma namorada, mas eu não sabia rezar direito e nunca completava as semanas e mesmo que completasse, continuava sem namoradas, mas um dia, seja por qual motivo tenha sido, isso veio a acontecer, continue lendo e saberá.



## A primeira atração

Recordo-me que ainda cedo. Aos sete anos de idade. Recebi minha primeira carta de amor. Dela ainda me lembro, como se fosse hoje, todas as palas. Todos os sentimentos que ela me despertou e toda a amargura que ela me deixou.

Meus pais compraram uma velha casa mal assombrada, cuja dona havia morrido, nas ruínas de uma velha cidade destruída pelas enchentes de 80, por nome de Helenópolis, no Estado do Maranhão.

Havia poucas coisas naquele lugar. Entre essas coisas, uma praça, perto de casa onde havia uma escola e uma Igreja Cristã Católica. Minha mãe muito religiosa costumava ir todas as vezes que havia celebração.

Em uma ocasião, havia uma menina loira, muito bonita por sinal. Ela morava em outra cidade e estava passando as férias com seus familiares que moravam justamente naquela localidade.

Não sei por que motivo, certo dia chegou até minhas mãos uma carta toda enfeitada com coraçõezinhos, palavras cheias de encanto e ternura dessa garotinha. Porém, eu não sabia ler. O que fazer, então? Pedir para a onça que me pariu ler. Minha mãe ficou furiosa. Mesmo assim leu.

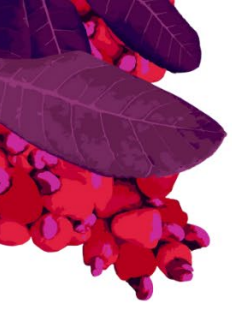
Na carta diziam muitas coisas legais. Que gostava de mim, etc. E, lá no final dizia que gostaria de se encontrar comigo na Igreja na hora do ensaio de canto e que, portanto, gostaria que eu fosse.

Aquela carta foi uma das coisas mais maravilhosas que já me aconteceu, mas que me causou as maiores dores inimagináveis para uma criança. Primeiro, por não saber ler a minha mãe teve que ler para mim. Segundo, não pude responder à carta, não sabia escrever! Terceiro, minha mãe não permitiu eu ir à Igreja no dia marcado. Por último, meu irmão me encheu tanto o saco por causa dessa carta, pegando sem permissão e mostrando para as pessoas, me deixando constrangido e chateado.

Ela foi embora e eu nunca mais a vi. Não me recordo mais do seu nome. E também isso não importa mais. Mas, de qualquer forma, a partir daquele dia eu disse a mim mesmo, senta a bunda naquela cadeira ao pé daquela mesa e aprenda a ler e escrever, e assim aconteceu.



Só podia ser eu. Aprendi a juntar palavras para ler cartas de amor. E assim, me enrabichar por qualquer rabo de saia. Aprendi a escrever para despertar suspiros e provocar orgasmos nas mulheres amadas.



## O primeiro beijo

O primeiro beijo deu-se assim. Ainda na infância, quando eu morava em uma fazenda, longe, longe, meus pais tinham muitos parentes espalhados pelo Brasil a fora. Um dia chegou uma tia com duas filhas lindas. Uma magra e delicada, e outra meiga e singela.

Tornamo-nos bons amigos numa rapidez que só vendo. Notei que a mais velha olhava para mim com certo encanto. Contava-me muitas histórias lindas e falava de coisas muito distantes de onde ela morava, eu achava tudo um encanto.

Certa vez, falou-me sobre fazer respiração boca a boca, pareceu-me muito estranho porque eu morava em um lugar seco da peste, eu não conseguia imaginar bem qual a serventia de algo do tipo (ainda não havia assistido aos filmes americanos), porém topei.

E ela encostou sua boca na minha.

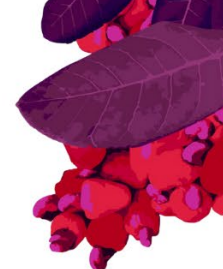
Lentamente inflou minhas bochechas com a sua respiração e eu senti uma sensação maravilhosa como se algum anjo celestial tivesse me dado seu sopro de vida, eu fiquei eufórico e paralisado ao mesmo tempo.

Um beijo? Não sei. Só sei que foi maravilhoso. No entanto, ela foi embora no outro dia para Minas Gerais e eu fiquei pensando nela durante o ano inteiro. Quando eu deitava, ficava pensando nela repetindo aquele gesto; quando olhava para as paredes e sentia o seu cheiro, repetia as palavras e beijava minha mão imaginando seus lábios.

Enfim...

Esperei-a no próximo verão, ela não veio, no outro, também não, nem mesmo no outro... não veio nunca mais.

Esse beijo não deixa a desejar para nenhuma grande história de amor, primeiro porque começa com uma expectativa, segundo como demonstração de carinho e, finaliza com uma grande decepção, essa foi minha primeira grande decepção.



## A primeira cantada

O meu pai resolveu que eu e meus irmãos deveríamos estudar. Comprou uma casa em uma cidade chamada Goiatins, no Tocantins, e despachou-nos para lá. Uma vez lá minha mãe resolveu me matricular em uma escolinha de adultos, pois eu já ia fazer quinze anos e só tinha a primeira série.

Até aí tudo bem, no entanto, ela achou que eu estava muito atrasado e me matriculou na terceira série no segundo semestre. Não preciso dizer mais nada, eu não só me sentia um peixe fora d'água, eu era um peixe na poeira mesmo (metáforas de peixe para nordestino é complicado).

Só para ter uma ideia, às vezes, a professora dizia após copiar um longo texto no quadro, “quem for terminando pode ir embora”, nossa Deus, eu ficava sozinho mais de uma hora copiando, cheio de vergonha.

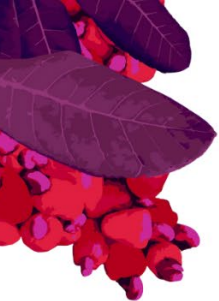
Foi logo que eu comecei a me engraçar por uma moreninha. Ela tinha peitos grandes, pareciam dois cocos da praia. Eu tinha, por essa data, alguns “amigos”, os quais me incentivavam, “cara, ela está afim! você tem que chegar junto”. Assim eu fiz, puxei assunto. Deus do céu, uma semana inteira de gozação com minha cara: “Mané chegou e disse, você tem namorado? Ahhhhhhhhhh, como se ele tivesse chance”.

Era um sarro só, eu era um jeca no meio da galera da cidade e que já estava enturmada, servi de bode expiatório para muitas risadas.

Uma vez, atrás da escola, uma turminha pegou nos braços de uma menina lá das bandas do interior, o pai dela era conhecido do meu pai, mas ela já estava na cidade há muito tempo, e disseram, beija compadre, eu hesitei, achei que ela iria cismar, que nada, quando soltaram, ela me disse:

–“Perdeu a chance, mané!”.

Que ódio eu tive de mim, foram tantas risadas, mas pelo menos acho que aquele fato não iria me fazer melhor, seu eu tivesse que dar um beijo, esse teria que ser um pouco mais por mérito (pareço até romântico falando assim).



## O primeiro encontro

Meu irmão, mais próximo em idade, conseguiu uma namoradinha chamada Léia. Ela era linda. Esguia, pele clara e olhos de mel. Por conseguinte, a prima dela, Viviana, a vivi, mandou-me cartas, muitas cartas dizendo que queria me namorar. Embora a casa dela ficasse a umas três ruas acima da minha, eu não tinha contado com ela, a não ser, a partir daquele momento, por carta.

Sempre que chegava uma carta eu rapidamente elaborava outra e mandava. Eram sempre cheias de encanto e ternura. Não que fossem melosas, eu não era do tipo, porém eram cheias de histórias, de informações (fofocas mesmo). Nós estávamos namorando.

Certa vez, recebi uma carta da Vivi que dizia para eu ir até a casa dela, (ainda não disse, mas o faço agora, ela tinha muitos irmãos e o pai dela era valente), naquela ocasião o velho não estaria, pois estava de viagem. Deu-me todas as coordenadas, eu deveria entrar por uma brecha na cerca do quintal e a esperar debaixo de um pé de manga, e que quando ela fizesse os meninos dormirem, iria me encontrar.

Cheguei cedo. Ansioso que só vendo. Entrei pela brecha indicada com cuidado e fui até a referida mangueira que ficava à esquerda no final do quintal, já na divisa com outro terreno.

Eu escutava a voz dela e dos muitos meninos. As horas passavam e parece que eles não tinham sono. As horas eram intermináveis e eu estava a cada segundo mais ansioso para falar com ela.

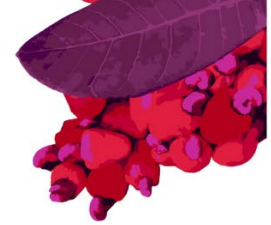
Quando de repente ouvi passos no escuro. Alguém se aproximou e pelo que parece se agachou bem próximo a mim. Eu fiquei imóvel, pois não sabia ao certo quem era aquele ser, que com certeza não era a minha Vivi.

O coração estava ao ponto de sair pela boca. Meu Deus, quem será e o que deseja? Surpreendentemente ouvi: Boouuuuuuuuummmmm!!! Nossa é isso mesmo, aquele ser estava soltando flatos um atrás do outro, boummmm, puuuuummm!!!

Rararara!!! Estourei!!!

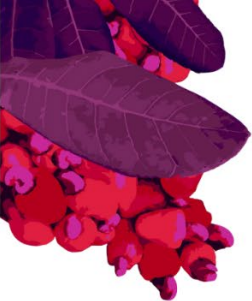
Deus do céu, aquilo era surreal. Aquele ser estava cagando quase em cima de mim. Levantou-se rapidamente e se dirigiu à casa da vizinha da minha amada, e em poucos segundos vinha juntamente com outra pessoa com uma lamparina na mão à procura do intruso risonho, e o pior é que me encontraram.





Daqui a pouco estava rodeado de meninos.

E acabou o encontro. As cartas continuaram até o dia em que fiquei sabendo que elas eram lidas para a rua inteira. Deu merda.



## A vez da outra

Meu irmão foi embora.

– Volto em um ano. Não voltou mais.

E aí foi a minha vez de dar uns amassos na gata dele. A Lélia. Ela me deixava excitado só de olhar as pernas dela.

Um dia a encontrei no centro da cidade por ocasião de algumas festividades, um *Park* que havia chegado a Goiatins. Chamei-a para conversar. Tomei coragem e disse que queria namorar ela, que gostava dela. Ela me falou que estava esperando o meu irmão, porém eu disse que ele não iria mais voltar. Ela ficou pensativa e depois respondeu:

– Pode ser.

Nem acreditei.

Puxei seu corpo para o meu, ela estremeceu. Então, eu falei:

– Uai, você não disse que aceitaria?

Dei um beijinho nela, ela beijava estranho ou era eu mesmo que não era acostumado.

O problema maior é que ela era evangélica e queria que eu fosse para a Igreja Congregação Cristã no Brasil, a Igreja do Véu. Eu ia toda semana e ficava olhando para ela. Nosso namoro era isso.

Porém um dia ela combinou comigo de ir encontra-la no fundo do quintal da casa dela. Achei ótima a ideia, pois eu estava doido para dá uns apertos de verdade naquele corpinho lindo.

A ida não foi fácil. Tinha que atravessar dois quintais cercados com arame farpado para chegar até o quintal da casa dela. Esperei das onze horas às duas da madrugada, e ela não apareceu.

A segunda vez não foi mais esperançosa, ela demorou tanto e no lugar dela veio uma chuva que quase me matou de resfriado, pelo menos isso não foi culpa dela, assim nem deu para sentir ódio da menina.

A terceira foi definitiva. Cheguei cedo. Fui bem para perto da porta da casa dela e fiquei imaginando, hoje ela sai para me ver, que ela não está com o diabo(já estava com muita raiva daquilo), quando de repente a porta se abriu, é ela, pensei, coçando os olhos, que nada,



era o pai dela e junto com ele uma espingarda, quando ele foi apontando eu já ia passando o arame do quintal, só pude ouvir um filho da puta! Ainda hoje tenho a cicatriz na bunda, pois uma parte dos couros ficou grudada nas farpas do arrame, para nunca mais esquecer a decepção.

Lélia foi embora, quando veio já era casada com um *playboy* e, eu fiquei com duas cicatrizes, uma nas nádegas e outra no coração. A primeira cicatrizou, a segunda ainda dói, mesmo assim, fui um sortudo, se o pai dela me pega teria sido bem pior (é sempre bom tirar uma lição positiva da desgraça).



## A terceira

Encantou-se por mim uma menina, ou melhor, uma senhora. Tinha muitos filhos e já tinha tido todos os homens da cidade, para piorar boa parte deles eram meus conhecidos.

Até aí, tudo tranquilo, o problema é que ela queria bancar a mocinha comigo. Chamava-me para namorar no seu portão, não queria saber de outra coisa.

Já deve ter notado que a primeira coisa que ela fez foi me apresentar para os seus pais e para seus filhos, que eram uns cinco, e para piorar ele, chamavam-me de pai.

Depois danou-se a me pedir dinheiro a cada hora, era para o gás, para o arroz, sempre havia alguma coisa com que eu tinha que contribuir. Meus amigos ou inimigos zombavam, diziam que por ela ter seios grandes que me dava de mamar, era uma gozação. Depois diziam que já tinham dormido com ela e que eu era bobo por não fazer o mesmo.

Até que um dia eu toquei no assunto, não bem deste jeito. Primeiro fui passando a mão em suas coxas, mas ela tirou e disse:

– O que está pensando, acha que sou dessas?! E foi logo o velho saindo para saber o que estava acontecendo, eu fiquei triste com aquela história.

Depois ela não penteava os cabelos, quando me encontrava na rua agarrava a minha mão ou me apertava todo, e os meninos me arroteavam me chamando de pai.

Certa vez, eu disse a ela que minha mãe não estava em casa e que queria que ela fosse lá, no que ela me respondeu:

– Se eu for, de lá eu não saio mais. Fui-me embora e nunca mais a convidei para nada, vai desgraçar outro.



## A quarta

Um amigo apresentou-me uma menina chamada Maria. Era branquinha e muito bonita. Porém, ela era muito tímida, bem mais que eu. De vez em quando eu ia até sua casa. Ela tinha mais duas irmãs, as quais conversavam muito, puxavam assunto comigo, ou melhor, perguntavam e eu respondia.

Um dia pedi que meu amigo levasse um recado dizendo que eu queria sair com ela para tomar um sorvete, ela topou. Tomamos um sorvete, caminhamos e falar que é bom, nada.

Lá pelas tantas eu perguntei a garota se ela topava namorar comigo, não sei que milagre ela disse que sim. Dali por diante, de vez em quando, saíamos para a praça, geralmente para um sorvete, e depois ela começou a frequentar minha casa, porém, ela nunca falava absolutamente nada.

Nosso namoro consistia em ficarmos sentados um de frente para o outro por duas horas e depois ela ia embora. Na saída dávamos um selinho e só.

Até que me cansei. Terminei com ela, vai ser tímida assim lá para a baixa da égua.

Uma semana depois, ela veio à minha casa e chorou muito, pediu para voltar, mas eu disse não. Não estava afim, ela perguntou o porquê e eu não soube responder.

Um mês depois, ainda sem ninguém, me arrependi. Aí foi minha vez de ir até a residência dela. Estava disposto a pedir para ela voltar, estava disposto a pedir perdão, crendo que ela voltaria.

Cheguei lá, levei um susto, ela estava com outro, feliz da vida, depois fiquei sabendo que ela até se casou com ele e logo tiveram um filho. Fez bem, trocou um tímido e indeciso por um corajoso.



## A quinta

Em todas as férias eu retornava para a fazenda onde morava meu pai, para de algum modo ajudá-lo nos afazeres da roça. Mês de julho, geralmente o trabalho era ajudar a colher algumas produções de época da seca, como colher favas, feijão, gergelim e outras. Em dezembro e janeiro era capinar a terra para plantar mandiocas, arroz, milho, melancia e abóboras.

O trabalho era intenso, porém, à noitinha, sempre um dos meus irmãos e eu costumávamos ir até a casa de uma vizinha para bater um papo, jogar cartas, esse tipo de coisas.

Nessa casa havia quatro mulheres, uma senhora, mãe de três meninas, a primeira já era casada, as outras duas não, ainda eram muito novinhas.

Notei que a do meio começou a gostar de mim. Geralmente ficávamos conversando, dizendo bobagens. Ela costumava me zoar por tudo, tirar sarro, rir da cara da gente, essas coisas de menina do interior.

Nas primeiras férias, não aconteceu nada. Na segunda, também não. Até que um dia ela apareceu lá por casa em Goiatins. Ficamos conversando e ela me deu um beijo, sendo assim, pensei, vai ser legal nas próximas férias.

Porém, nas férias seguintes a mãe dela havia arrumado um marido. Era um velho cheio de manias, ciumento que só vendo, e ainda por cima era metido a valente.

As coisas continuaram do mesmo modo, sempre íamos jogar baralho lá até altas horas da madrugada e voltávamos para casa no escuro, Tateando no escuro. O que a gente não faz só para sentir o cheiro de uma mulher amada. Porém, um dia, inventei de ficar por lá, edisse no ouvido dela, vou ficar aqui, venha para minha rede.

Ataram a rede na área, um frio danado, passei a noite acordado na expectativa e a menina não apareceu. Fiquei cheio de ódio, no outro dia perguntei o que havia acontecido e ela me disse que tinha passado a noite com dor de dente e, portanto, não foi.

Outro dia, fiz a mesma coisa, fui ficando por lá, puseram-me uma rede na varanda fria. Enquanto todos dormiam, eu estava esperando ansioso que só bicho acuado. Lá pelas tantas da madrugada ela apareceu na minha rede, deitou-se devagar, meu coração agitou-se, ainda mais porque o velho, vez por outra, tossia e ela, estava morrendo de medo, disse em meu ouvido:





- Sabe o que acontece se ele acordar?
- Não, o que?
- Ele te mata.
- Hum!!!

Mas eu estava doido, já fazia tempo que eu sonhava com aquele momento, não podia perder aquela oportunidade, eu a queria, não me importava se ele me matasse, eu queria era me enroscar naquela carne.

Fui enfiando minha mão dentro da calcinha molhada dela.

Ela disse:

- Tem camisinha? Não, respondi.
- Então não vai rolar. Ó desgraça, pensei comigo, e continuei a passar a mão em seu corpo, quando de repente eu estava todo molhado.

O velho continuou tossindo danado.

O meu corpo amoleceu como um picolé dentro daquela rede, eu suave como um condenado, só me restou pedir desculpas e ela se levantou e foi dormir.

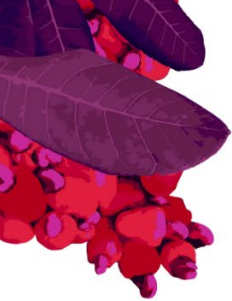
Fiquei com tanto ódio de mim mesmo, que me levantei e fui embora ao meio da noite escura sentindo tanta vergonha que não tive coragem de olhar para a cara dela durante uma semana.

Mas, na semana seguinte, fiz o mesmo esquema. Fiquei lá jogando cartas. Tarde da noite me puseram uma rede para dormir. Fiquei na expectativa dela vir ter um instante comigo. Lembro-me que aquela noite estava escura. A lua ainda não havia saído para iluminar a chapada.

Ouvi mexer nos punhos da rede. Porém, não vinha exatamente na minha direção. Uai, pensei comigo, será que errou a direção. Levantei e lhe agarrei pelo meio e fui logo passando a mão. Deus meu, o negócio era estranho. Ouvi foi à voz do velho e um safanão:

- Encontrou o que tu querias?
- Espera um instantinho que eu vou pegar um presentinho para você.

Achei o rumo da porta. Não peguei nem os chinelos. Até hoje corro.



## SIMPLES, GOSTOSO E EXTRAORDINÁRIO

Dormi sonhando contigo, e acordei no teu regaço,  
me vendo refletido no castanho dos teus olhos.

Após a morte de minha mãe, eu pude conhecer a minha querida terra natal, Carolina, no Estado do Maranhão. E lá, meus muitos parentes da parte materna, o que foi uma grande satisfação, principalmente as primas.

Entre elas, uma que acabara de chegar de São Paulo. Era extremamente linda. Morena, esguia, olhos castanhos olhos grandes, rosto fino, macio, mãos delicadas e olhar seguro. Tinha seios duros e pontudos, dava para vê-los furando a blusa.

Falava com suavidade. Porém, com aquela expressividade própria de quem saiu da adolescência, como uma farfalha louca para se consumir na luz de qualquer na luz de qualquer clama de desejo que lhe despertasse paixão.

Pronunciava coisas singulares, que para mim, menino tímido, da roça, eram difíceis de serem compreendidas, tais como jogar futebol em um grande estádio ou mesmo viajar para outros países, enfrentar a vida.

Relatava sonhos e possíveis oportunidades de jogar no estrangeiro. Eu, ali, na minha estreiteza de mundo, nos limites da pele. Mas, desde que eu a vi, dormia sonhando com ela e desejando acordar naquele regaço, me vendo refletido nos castanhos daqueles olhos cheios de encanto.

De repente, naquela mesma data, chegou também um primo, meu e dela, que reuniu todo mundo da rua dos Coló. A rua ganhou esse apelido por causa da vó Clotilde, e fomos todos para a ilha dos Botes.

Uma vez lá, ela se veio, beirando a noite, ainda me lembro como agora, com uma blusa azul de manga longa e um shortinho, e se achegou neste corpo burro, que ficou estupidamente imóvel, cruzou os dedos da sua mão direita nos meus e trouxe seus lábios em minha boca e beijou-me docemente.

Depois, sussurrou baixinho:

– Quero você.



– Ah!...

Meu corpo, estupidamente burro, não se mexeu. Meu Senhor do Bonfim! Mexa-se, néscio! Fala!

Apenas minha parte safada ficou agitada dentro das minhas calças. Bom alguém tinha que fazer alguma coisa. A cabeça começou a agir. Por isso, tive que pôr logo as mãos nos bolsos enquanto meu coração disparava ao ponto de explodir meu peito.

Ela se afastou e eu me senti, além de burro, maravilhosamente feliz. A cabeça girava, as pernas tremiam, as mãos suavam e eu me sentia cheio de excitação. Mas, antes da gente conquistar o coração do outro, a gente tem que domar os nossos próprios sentimentos.

E assim se deu. O estúpido sempre estragando tudo. Não sei o porquê, mas passei os segundos, os minutos, as horas, os dias e as semanas seguintes, quando o passeio acabou e ela foi embora, esperando outra iniciativa que não mais aconteceu.

Corpo burro da peste, só podia mesmo sofrer a demora de uma espera infeliz.



## O último Natal

O tempo passou. Eu cresci, fui embora cursar faculdade na capital do queijo. Os muitos trabalhos no ambiente acadêmico me fizeram perder um pouco a timidez, embora eu continuasse ingênuo, até certo ponto inocente, apenas fingindo que eu era homem, um cabra macho como se diz.

Quando retornei de férias para passar o Natal com a minha família. Na noite de Natal, resolvi dar uma volta na Praça dos *Hots*, em Carolina. Havia muita gente. dei umas duas voltas ao redor da praça, olhando o ambiente. Na última delas, encontrei minha querida prima, umas onze horas da noite.

Chamei-a para tomarmos uma cerveja. Ela topou. Assim foi, tomamos uma, duas, três... eu já estava alto e resolvi abrir o coração. falei de meus sentimentos, que gostava dela, que ela era linda, essas coisas que os homens falam quando quer comer uma mulher.

Ela ficou me olhando com aqueles olhos grandes e cheios de ternura. Comecei a passar a minha mão no rosto dela e foi a cereja do bolo que faltava. Em seguida dei-lhe um grande beijo.

A praça estava cheia, agitada, foi aí que tive uma ideia. Chamei-a para um lugar mais reservado. Ela disse:

–Pode ser, mas onde?

Levantei-me, peguei na sua mão e saí um tanto sem rumo. Fomos andando e procurando um lugar para ficarmos mais à vontade.

Seguindo a rua, encontrei um beco perto da praça, a do Sertão Maranhense. Era um beco escuro, perfeito. Encostei-a no muro e comecei a beijá-la ardorosamente.

Ela estava louca e excitada me puxando sobre seu corpo. Arranquei-lhe a blusa e mordi a ponta de seus seios, incrível, ou eu estava sonhando ou estava muito embriagado, mais saíam leite.

Em seguida fui desabotoando sua calça, quando de repente passou um motoqueiro, só notei que o farou nos iluminou rapidamente, mas estávamos tão envolvidos que nem ao menos demos atenção.



Eu estava muito bêbado, mas se bem me lembro, era meia noite, pois os fogos estouraram. E os cantos de Natal alguma forma soavam nos meus ouvidos e atiçavam o meu coração. Aleluia, aleluia, aleluia... iluminando o céu dentro de mim como um turbilhão.





# SOBRE O AUTOR



## **RONILSON LOPES**

Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ‘A palavra do século 21’ – ALPAS 21.

Atualmente cursa Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)  
[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)  
@epublicar  
[facebook.com.br/epublicar](https://facebook.com.br/epublicar)

# meus primeiros amores ronilson lopes



2021

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)  
[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)  
[@epublicar](https://www.instagram.com/epublicar)  
[facebook.com.br/epublicar](https://www.facebook.com/epublicar)

# meus primeiros amores ronilson lopes



2021